

## O BOTUCARAÍ DO MONGE JOÃO MARIA: ENTRE O CATOLICISMO POPULAR E A NOVA ERA

*Carlos Alberto Steil<sup>1</sup>*

### INTRODUÇÃO

Há muitos pontos a destacar no excelente artigo de Alexandre de Oliveira Karsburg que os editores de *Debates do NER* escolheram para estimular o debate sobre este personagem central na constituição do catolicismo popular tradicional no sul do Brasil. Tive oportunidade de ler a tese de doutorado de Karsburg, que serviu de base para a elaboração deste artigo. Uma pesquisa histórica de grande fôlego e profundidade que nos apresenta, no estilo de saga, a surpreendente trajetória de João Maria de Agostini. Os leitores brasileiros poderão, em breve, ter acesso a esse texto que será publicado em livro pela Editora da Universidade Federal de Santa Maria. Nesse sentido, *Debates do NER* antecipa-se na divulgação deste trabalho original e exaustivo de reconstituição de fontes históricas que permitem situar o mítico monge João Maria no tempo dos viajantes e dos pregadores, numa América de grandes convulsões políticas e transformações sociais.

A contribuição das pesquisas históricas para as ciências sociais é, sem dúvida, da maior importância. O diálogo, no entanto, entre historiadores e cientistas sociais no Brasil tem ficado aquém do desejável. No campo específico dos estudos da religião, a pesquisa histórica torna-se cada vez mais indispensável para a desmitificação de dicotomias como mito e realidade, evento e imaginação, natureza e cultura, estrutura e conjuntura, passado e presente. Na contramão destes caminhos paralelos, o artigo de Karsburg constrói uma grande quantidade de pontes que podem ser cruzadas tanto

---

<sup>1</sup> Professor do PPG em Antropologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Antropologia social pelo Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio Grande do Sul, Brasil. Contato: steil.carlosalberto@gmail.com.

por historiadores, em direção aos cientistas sociais – como ele mesmo o faz em seu texto – quanto por cientistas sociais em direção aos historiadores. É neste movimento de aproximação que gostaria de me posicionar. Uma aproximação que vimos buscando há bastante tempo e que tem como registro dois outros números de *Debates do NER* sobre catolicismo que organizei com César Góes e com Rodrigo Toniol, respectivamente. Em 2004, o número 05 intitulou-se *Catolicismo no Rio Grande do Sul*, e, em 2010, o número 17, chamamos de *Catolicismo para além da Igreja Católica no Sul do Brasil*. Esse número traz dois artigos sobre o monge João Maria. O primeiro, da antropóloga Tânia Welter, intitulado *O profetismo de João Maria nos discursos contemporâneos*, está referido à sua tese de doutorado, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (Welter, 2007; 2010). O segundo, do historiador Robinson Fernando Alves, tem como título *O Monge João Maria de Agostinho em Campestre, Santa Maria: aspectos históricos*, resultou de sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal de Santa Maria (2008; 2010).

Os dois textos acima citados procuram situar a crença atual no *santo monge* em contextos geográficos específicos. Welter, por meio do método etnográfico, busca destacar, nos discursos de seus interlocutores – moradores do planalto catarinense, especialmente nas cidades de Curitiba, Lages e Campos Novos – os sentidos que a devoção ao monge João Maria confere às suas vidas e para a elaboração de uma memória que os situem no tempo (Welter, 2007; 2010). Alves, por sua vez, procura reconstituir, por meio de fontes documentais e relatos de história oral, o contexto de culto ao redor do Campestre, onde o monge viveu e pregou no século XIX, atraindo grande número de adeptos, o que deu origem a um processo judicial que resultou no seu exílio do Rio Grande do Sul (2010). A pesquisa que realizei, na segunda metade dos anos de 1990 e no início de 2000, concentrou-se no morro do Botucarái, no município de Candelária, no Rio Grande do Sul, um dos muitos pousos registrados por documentação histórica sobre a passagem do monge pelo sul do Brasil. Embora não tenha escrito um artigo específico sobre a pesquisa, utilizei alguns dados que resultaram deste

trabalho no artigo intitulado *Catolicismo e memória no Rio Grande do Sul*, publicado no número cinco de *Debates do NER*, referido anteriormente.

Assim, neste comentário do texto de Karsburg, pretendo retomar alguns dados desta pesquisa como uma contribuição aos estudos sobre o monge no sul do Brasil. Não se trata, portanto, de uma resenha do seu texto nem de uma crítica à sua engenhosa reconstituição da trajetória e da saga do monge João Maria de Agostini como um *peregrino da América Católica* no século XIX. Mesmo porque, como cientista social, sinto-me pouco autorizado a fazer qualquer crítica que extrapole o âmbito metodológico do meu campo específico de competência. Além do mais, devo confessar que fui capturado pela narrativa de Karsburg sobre este viajante intrépido e aventureiro que entra na América pela Venezuela, vindo da Itália, atravessa a Amazônia e os Andes, chega no Rio de Janeiro, vindo de Belém do Pará, passa por São Paulo, rumo ao Rio Grande do Sul, faz incursões pela região platina, volta aos Andes, retorna ao Rio Grande do Sul, de onde é exilado para o Rio de Janeiro, passando por Santa Catarina. Tudo isso, para, alguns anos depois, aparecer na América Central, nas Antilhas e finalmente na América do Norte: México, Canadá e Estados Unidos, onde encontra a morte violenta. Uma saga que, na minha opinião, merece um tratamento ficcional e cinematográfico que possa revelar dimensões que o texto científico e ensaístico não é capaz de alcançar com a mesma expressividade e imaginação.

#### SANTOS E ETS NO CERRO DO BOTUCARAÍ

Entre os muitos pontos nos quais encontramos registros da presença do monge neste vasto continente americano, o cerro do Botucaraí ocupa, com certeza, uma posição histórica secundária. Ainda que, por relatos de fontes históricas citadas por Karsburg, teria sido aí que se deu a prisão do monge por autoridades da Província do Rio Grande do Sul e o início o seu exílio. Como registra o autor, como um aposto no trecho a seguir, que destacamos do artigo que estamos comentando,

Em outubro de 1848, a notícia da “prisão” do *monge* “descobridor das águas santas” – prisão sucedida no já lendário cerro do Botucaraí, nas proximidades do atual município de Candelária – fez brotar outro tipo de opinião a respeito da presença do italiano em terras brasileiras: o *monge* era “espião” do governador de Buenos Aires *Juan Manoel de Rosas*. (Karsburg, 2014, p. 32)

No entanto, a reverência a este lugar como um polo irradiador de santidade e energias sagradas perpetua-se no tempo e chega até os dias atuais acumulando muitas camadas de tradições e crenças que se atualizam e reformulam. Longe de apresentar-se como um depósito de verdades que são transmitidas de geração em geração, o que encontramos em Botucaraí é um centro articulador de práticas e crenças que se renovam constantemente, nesta arena de negociações que o cerro engendra entre agentes religiosos e atores sociais que trazem para o local uma variedade de regimes religiosos, de visões de mundo e de posições políticas. Não será possível explorar, no âmbito deste comentário, o emaranhado de crenças, rituais e performances que encontramos na pesquisa de campo. Fico devendo ao leitor um artigo mais extenso a partir dos dados que a pesquisa a que me referi anteriormente produziu. Trarei aqui, apenas, alguns elementos que fundamentam o meu argumento de que a experiência religiosa é vivida dentro de uma teia de práticas e posturas tecida por muitos fios e materiais que se cruzam sem apontarem para uma síntese ideológica ou se diluírem num sincretismo homogeneizador. Entre esses fios e materiais, vamos chamar a atenção para dois conjuntos de crenças que, nas tipologias sociológicas modernas do religioso, ocupam posições extremas, mas aqui apresentam-se emaranhadas numa trama capaz de entrelaçar, neste local, devotos do catolicismo tradicional popular, que vivem suas crenças para além e à margem da Igreja Católica, e seguidores da Nova Era, que identificam neste cerro um centro irradiador de energias psíquicas, cósmicas e espirituais, assim como um ponto de comunicação com extraterrestres.

Enfim, estamos falando, de um lado, das romarias de devotos do monge João Maria que, todos os anos, na Sexta-Feira da Paixão, acorrem ao Botucaraí para escalar o cerro em atitude de penitência e renovação da vida e, de outro, do centro de vivências espirituais *Águia Dourada* que se estabeleceu ao pé do

cerro e dos seus seguidores que experimentam sensações de plenitude pessoal, de comunicação com alienígenas e integração planetária num cosmos que transcende o globo terrestre. Entre estes dois regimes do religioso, que nos parecem à primeira vista extremos, encontramos outros fios, menos estranhos, tecendo esta trama. Está lá a Igreja Católica, representada pelo padre e por agentes de pastorais paroquiais que dirigem o ritual da Sexta-Feira da Paixão. Estão também os evangélicos que deixaram sua marca na capela ecumênica, construída pelo poder público ao pé do morro, para acolher os romeiros. Mas, estão presentes também evangélicos que, imbuídos “pela missão de combater a idolatria às imagens e converter para Cristo”, distribuem panfletos com trechos da bíblia e pregam abertamente aos romeiros, convidando-os à mudarem de vida e de religião. Estão presentes as religiões de matriz africana que se visibilizam nos corpos, nas vestes, nos objetos e nos rituais executados, muitas vezes de forma silenciosa, por seus sacerdotes e adeptos, que inscrevem suas práticas e crenças no horizonte inclusivo do catolicismo tradicional. E, da parte das instituições não religiosas, estão lá os órgãos municipais, como a Secretaria da Cultura e do Turismo e os estaduais, como a EMATER e a Secretaria do Meio Ambiente.

#### O MONGE NA HISTÓRIA DO CATOLICISMO TRADICIONAL NO RIO GRANDE DO SUL

A partir dos anos de 1970, podemos observar uma inflexão importante na metanarrativa sobre a cultura e o catolicismo popular no Brasil (Bruner, 1986, p. 145). Ou seja, nos estudos sociológicos anteriores a este período, havia uma metanarrativa predominante que via a cultura popular como a sobrevivência de um passado marcado pelo atraso e pela ignorância que precisavam ser superados. O antídoto a esta situação encontrava-se no esclarecimento das massas, na conscientização do povo, na higienização dos ambientes, na racionalização da política e na secularização da religião. O Brasil, naquele presente, afirmavam as análises sociais, carecia de um choque de modernidade para superar o conformismo e a “cultura da pobreza” que impregnavam suas estruturas sociais e políticas. O futuro, inexorável,

ao qual todas as sociedades estavam destinadas, era o do progresso e do desenvolvimento. Uma metanarrativa teleológica, portanto, que situava o catolicismo popular tradicional num passado de atraso e num presente em transformação, rumo à modernidade como futuro universal.

Nessa metanarrativa, no entanto, havia um outro elemento, de caráter espacial, que era acionado constantemente nas análises. Tratava-se de localizar o atraso e a ignorância nos sertões do país para salvaguardar a exemplaridade de outras regiões onde a modernidade já teria chegado, ainda que de forma incompleta. As divisões dos “brasis” do interior e do litoral e do norte e do sul, fizeram parte da vulgata sociológica da época, invisibilizando identidades, culturas, religiosidades e estilos de vida presentes no litoral e no sul, assim como processos de modernização, racionalização e secularização que aconteciam nos sertões e no norte. Esta vulgata, com certeza, condicionou em grande medida os objetos acadêmicos de estudos da sociedade e da religião a serem realizados no sul e no norte do país. Nesse sentido, os estudos sobre o Contestado, que remeteram à sucessão de *monges* João Maria e José Maria que fazem parte da cultura e do catolicismo tradicional no sul, surgiram como uma descoberta surpreendente que veio a contribuir para a desmistificação das divisões temporais e espaciais que marcaram as pesquisas na ciências sociais até os anos de 1970.<sup>2</sup>

Devo confessar que também vivi, ainda que com algum atraso, a experiência da desmistificação destas divisões, quando, em 1996, iniciei um projeto de pesquisa que visava a mapear e classificar as peregrinações e romarias no estado do Rio Grande do Sul. Projeto bastante ousado que acabou se constituindo num programa de estudos que venho perseguindo desde então e que me conduziu para muitos outros projetos, mais modestos e pontuais, realizados por mim, mas também pelos meus orientandos de graduação, mestrado e doutorado, nestes quase vinte anos como professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi no âmbito deste programa que descobri o monge João Maria no cerro do Botucaraí, especialmente nos

---

<sup>2</sup> Neste ponto gostaria de remeter o leitor para o texto de Karsburg neste mesmo periódico, que faz um exaustivo levantamento da bibliografia sobre o monge João Maria, com destaque para a nota 14 (Karsburg, 2014, p. 26).

relatos etnográficos dos que o frequentam ou daqueles que o têm como lugar sagrado. Em seguida, na literatura sobre o tema e no acompanhamento de trabalhos acadêmicos que orientei ou de que fui membro das bancas de defesa.

Entre outras coisas, essa pesquisa possibilitou um exercício de narrar um capítulo da história do catolicismo no Rio Grande do Sul a partir da análise sociológica da presença e reprodução do monge na cultura cabocla do estado. Peço ao leitor a permissão para citar um trecho do relato dessa pesquisa, publicado em *Debates do NER* (Steil, 2004). Relato neste artigo, após apresentar a história do catolicismo urbano, com foco na romaria de Nossa Senhora do Navegantes, em Porto Alegre, que:

Se os santuários urbanos estiveram centrados nas Irmandades, as romarias que surgiram no meio rural estão, de um modo geral, associadas a figura dos penitentes que constituem um movimento leigo de busca da natureza e dos lugares ermos como espaços privilegiados de comunicação com o sagrado. Entre as romarias no estado, a do Morro do Botucaraí é exemplar deste tipo de experiência religiosa<sup>3</sup>. O Monge João Maria é, neste sentido, uma figura emblemática deste movimento de espiritualidade penitencial. Embora de origem italiana e tendo vivido na segunda metade do século XIX, este ermitão se torna representante e mediador de um sistema de crenças e valores presentes de forma difusa na população 'cabocla', formada por negros e descendentes de portugueses e ibéricos. (Steil, 2004)

Mas, o que é característico desse catolicismo? Que aspectos o tornam uma experiência singular e o diferenciam de outras formas de catolicismo? A experiência do monge João Maria salienta três aspectos fundamentais que poderiam ser estendidos para o conjunto das práticas partilhadas por estes grupos sociais de origem cabocla e que poderíamos chamar de catolicismo tradicional: sua origem laica, seu sentido devocional e seu caráter penitencial.

---

<sup>3</sup> A romaria do cerro Santo está associada ao monge João Maria de Agostini, que viveu como ermitão no século XIX no morro do Botucaraí, no município de Candelária, e permaneceu na memória popular como a primeira encarnação de uma sucessão de monges e beatos que estão na origem de diversos movimentos religiosos de contestação à modernização do país e da Igreja Católica. Entre eles estão os dois monges do Contestado (SC), o monge de Pinherinho (RS) e os monges barbudos de Soledade (RS).

É um catolicismo laico, porque não depende de um corpo especializado de agentes religiosos para se reproduzir. Enquanto sistema religioso apresenta-se menos como uma instituição com fronteiras demarcadas e mais como uma experiência que permeia a vida e a cultura. Ser católico, neste contexto popular tradicional, não se apresentava como uma opção ou uma escolha individual, mas como uma condição a que todos estavam de certa forma submetidos. O catolicismo apresentava-se assim como uma cultura englobante, de modo que as outras formas religiosas que existiam na época, como as religiões afro-brasileiras, eram vistas como práticas desviantes da religião única e oficial.

A devoção às imagens é central para o catolicismo tradicional. São, na verdade, o lugar onde o invisível torna-se acessível e palpável. Da mesma forma que os corpos humanos são depositários das almas invisíveis, as imagens são os corpos dos santos. Através das imagens, estabelece-se uma comunicação entre vivos e mortos. Fundado no dogma da *comunhão dos santos*, este modelo de catolicismo cria uma cosmologia em que as fronteiras entre a vida e a morte são continuamente ultrapassadas, sem necessariamente a mediação de agentes especializados. As relações entre os santos e os fiéis são pessoais e baseadas no princípio da proteção e lealdade. Cada fiel tem seu santo protetor, ou seu padrinho celestial, que em contrapartida lhe pede lealdade. Muitos estudiosos da cultura brasileira têm mostrado como este modelo relacional não apenas serviu de base para legitimar as relações de dominação na sociedade senhorial no Brasil, mas permanece ainda hoje como um elemento cultural de longa duração que subjaz às relações de clientelismo atualmente presentes na política brasileira.

Os santos, na perspectiva do catolicismo tradicional, permanecem, de algum modo, participando das vicissitudes deste mundo através de suas imagens, capazes de sentir, chorar, sofrer, locomover-se, falar, indicar caminhos etc. A imagem de um santo, portanto, não é apenas uma representação que evoca alguém que esteve entre os vivos, mas é *um sacramento*. Algo que torna presente no mundo visível, de forma eficaz e real, personagens que transitam entre os vivos e os mortos. Ou seja, há uma relação entre a imagem e o santo que os torna uma única e mesma coisa. Por isso, os lugares e as imagens têm



no catolicismo tradicional um sentido particular e uma singularidade que ultrapassa qualquer tentativa de racionalização ou generalização.

Enfim, trata-se de um catolicismo penitencial. A paixão está no centro desse modelo de catolicismo, estabelecendo uma relação singular entre o santo em sua imagem e os fiéis. A romaria do monge no morro do Botucaraí acontece na Sexta-Feira da Paixão, quando a liturgia católica traz para o culto às imagens da dor e da morte, estabelecendo uma *dialética barroca* em que os fiéis, identificando-se com o Cristo Sofredor, participam vicariamente da sua paixão. Por meio da penitência, realiza-se um processo de identificação entre o fiel e o santo. Ou seja, ser católico, nesta perspectiva, não é algo que se define pela adesão a um determinado corpo de verdades ou pela aceitação de um código moral, mas especialmente por meio da identificação do devoto com o sofrimento e a paixão.

Esta centralidade da Paixão, como podemos ver no caso do monge João Maria, não está presente apenas na referência ao espaço, mas também ao tempo. A quaresma, com seus rituais e memórias, traz a morte para dentro do presente, evocando, através da imagem do monge Sofredor, identificado com o Bom Jesus, o triunfo da vida sobre a desintegração do corpo. Essa identificação pelo sofrimento que une ritualisticamente a experiência de Cristo, do monge e do romeiro acaba diluindo as fronteiras entre vivos e mortos, permitindo aos fiéis tratar a morte não como a negação da vida, mas como sua transfiguração. A vida e a morte são, assim, remetidas a um contexto que as englobava, o da *comunhão dos santos*, que cria um espaço exemplar de convivência entre vivos e mortos.

#### A NOVA ERA NO CERRO DO BOTUCARAÍ

Como escrevi anteriormente, a possibilidade do monge João Maria associar-se a outros discursos e regimes do religioso está dada nos eventos que presenciamos no cerro do Botucaraí e nas instituições religiosas que vêm se apropriando de sua memória, assim como das energias, sensações e significados que este lugar engendra tanto para os fiéis do catolicismo popular tradicional quanto para os buscadores da Nova Era. Como um elemento exemplar desta potência inscrita na geografia e na paisagem do Botucaraí,

gostaria de discorrer, ainda que de uma forma breve, sobre a Fundação Águia-Dourada que, como afirmei anteriormente, insere-se no universo das práticas e da ideologia Nova Era e, como eles mesmos definem, numa “cultura extraterrestre”. Essa instituição apresenta-se, em seu material de divulgação, como um Centro de Estudos Avançados de Vida Extraterrestre. Conforme Juan Valdes, o chileno que criou a Fundação no Brasil,

[...] o cerro do Botucaraí, na cidade de Candelária, Rio Grande do Sul, foi escolhida por ser um local privilegiado em termos energéticos tanto por pela sua posição geografia – está situado no centro do estado e estar cercado por um cinturão de morros que o rodeia – quanto por ter sido identificado por muitas religiões como um centro de energias espirituais. Este foi um lugar importante para os indígenas, para o catolicismo e agora para nós. (Entrevista Juan, 28/10/2001).

A Fundação Águia Dourada é uma organização não governamental, fundada em 1993, que se apresenta ao público como um *centro de estudos de campos vibratórios e pesquisas interdimensionais, com ajuda da engenharia molecular* (Fôlder de divulgação da ONG, 2001). Essa Fundação é proprietária de uma pequena área rural, nas imediações do cerro Botucaraí, denominada *Núcleo Bio-Ecológico de Preservação Planetária*, sede mundial do Projeto Águia Dourada-PAD. Segundo Juan, o sítio dedica-se ao cultivo agroecológico de hortaliças, de plantas medicinais e à criação de *abelhas indígenas*.<sup>4</sup> Uma atividade que, como ele nos informa, está associada à descontaminação ambiental por meio de *psicotrônicos* e técnicas de origem hindu. (Entrevista Juan, 28/10/2001).<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Juan faz questão de diferenciar as abelhas criadas na propriedade da Águia Dourada das abelhas africanas que foram introduzidas no Brasil e se disseminaram extensivamente, eliminando em grande medida as abelhas autóctones, que ele chama de *indígenas*.

<sup>5</sup> O sistema psicotrônico, como relatou-nos Juan, é um conjunto de práticas de caráter radiestésico, numerológico e intuitivo, aliado à eletricidade e à eletrônica, que visa a determinar quais os números e os equipamentos a serem utilizados e o tempo apropriado para se alcançar o máximo de resultados dos processos vitais da natureza, sem se agredir o ambiente.

Às atividades ambientais, somam-se aquelas de *cultivo de si*, de caráter espiritual, que visam ao desenvolvimento individual e ao autoconhecimento, por meio, sobretudo, da assimilação de técnicas de meditação e de comunicação com seres extraterrestres mais evoluídos. Apresentando-se, na abertura de sua página na web, como Fraternidade Estelar da Águia Dourada, ela se define como um

Centro de Estudos orientados ao conhecimento superior com informações fornecidas por Seres provenientes das Galáxias Centrais dos Universos Divinos. Mundos Superiores, Multidimensionalidade, Pluralidade de Vidas Simultâneas, Universos Paralelos, Portais Estelares, Terra Oca, Ciclos Estelares, Matrizes de Tempo, Hiperespaço, Corpos Energéticos, Translocação, Transmigração, Sabedoria Hiperbórea, Preparação para voltar a Origem. (<http://padbrasil.blogspot.com.br/>. Acesso em: 08 maio 2014).

A preocupação mais geral com o ambiente traduz-se sobretudo em ações locais em defesa da preservação do ecossistema e da paisagem em que o cerro do Botucaraí está situado. Essa preocupação ambiental, por sua vez, acaba conduzindo os participantes do Projeto Águia Dourada a se posicionarem politicamente ao lado dos organismos governamentais, voltados para a formulação e implementação de políticas ambientais, e dos movimentos sociais que defendem a preservação do ambiente. No entanto, como podemos observar no trecho da entrevista que transcrevemos a seguir, os motivos e princípios que os levam a defenderem o meio ambiente diferem bastante daqueles que são geralmente explicitados no horizonte secular e laico em que se situa a ética ambiental no âmbito das políticas públicas. A defesa do meio ambiente, para os seguidores da Águia Dourada, encontra seu embasamento na racionalização e na explicação científica do sagrado que se materializa na geografia e na natureza. Como relata-nos Juan, trata-se de

[...] uma montanha sagrada, que tem muitas lendas, que até tem um fundo de realidade, mas que com o passar do tempo se mistificou [...] muita gente que mora no local já viu luzes perto do morro [...] nós temos uma explicação científica para este fenômeno, baseada na física quântica. As luzes que aparecem no morro são efeitos de outros tipos de vida que existem ali, seres de

outras dimensões, outros planetas [...] as luzes são a energia deles. Estes seres, muito mais evoluídos, estariam tentando se comunicar com os homens, com o intuito de ajudá-los a ampliar o campo de visão, trazer o verdadeiro amor para Terra, para as relações entre os homens e dos homens com a natureza. (Entrevista Juan, 28/10/2001).

No período em que realizamos o trabalho de campo (2000-2002), a Águia Dourada estava representada por Juan na Associação para o Desenvolvimento do Turismo em Candelária (ADETUR) e no Comitê das Águas. Sua participação nestes dois organismos locais, como ele nos relata, visava a colaborar para que Candelária pudesse vir a ser efetivamente uma cidade ecológica. Junto com outros representantes da sociedade civil e do Estado, esses organismos público-privados, tornam-se os formuladores de uma política que busca na articulação do turismo com a ecologia um caminho de desenvolvimento local para um município com sérios entraves ao crescimento econômico e social, com base apenas em atividades agrárias. Como dizia-nos Juan, *somente por meio do turismo ecológico a cidade terá um desenvolvimento sadio*. (Entrevista Juan, 28/10/2001).

No entanto, os desdobramentos posteriores da pesquisa mostraram que a presença do representante da Águia Dourada nestes órgãos passou a ser questionada e acabou por afastá-lo deste espaço político. Na avaliação dos administradores públicos que entrevistamos, a Águia Dourada teria sido afastada desses organismos devido ao seu caráter esotérico. Na entrevista com o representante da Secretaria Municipal de Educação, na ADETUR, ele nos dizia: *os objetivos dos representantes da Águia Dourada contrastava com os objetivos gerais da Associação. Eles são muito estranhos, o trabalho deles é outro*. Neste mesmo sentido, a representante da EMATER no Comitê das Águas ponderava na entrevista que nos deu:

[...] a entidade [Águia Dourada] não é ambientalista, mas sim, mística. Eles são muito estranhos, sobem o morro para meditar e falar com os ET's [...] A representante desse grupo [Águia Dourada] participava do Comitê, mas aí ela atingiu o *alfa* e eu nunca mais falei com ela [...]. Tem muito estrangeiro nesse grupo, gente que veio de fora. Eu não acho isso bom. (Entrevista com representante da EMATER, 20/10/2001).

Convém destacar dessas falas dois aspectos, levantados para justificar o afastamento dos representantes da Águia Dourada desses espaços políticos, que, em alguma medida, ainda que se reconheça a diferença dos contextos e o momento histórico de cada um deles, aproximam a Águia Dourada do monge. O primeiro é a referência ao esoterismo e à mística como incompatíveis com a visão laica e secular da política que deve dominar as práticas do Estado e da sociedade civil. O misticismo, no caso do monge, como mostra-nos Karsburg em seu artigo, e do esoterismo, no caso da Águia Dourada, como aparece nos nossos dados etnográficos, foram acionados como acusação e como justificativa para excluí-los das instâncias políticas de decisão e ação pública. O segundo aspecto é o caráter estrangeiro dos personagens envolvidos na trama política. Em ambos os contextos, os fatos do monge ser italiano e de Juan ser chileno pesam negativamente na avaliação de suas ações e ganham um sentido acusatório. Haveria que ampliar esta discussão, chamando a atenção do caráter *mais do que estrangeiro* dos seres mentores presentes em cada uma das experiências: do monge, os santos e divindades do panteão católico que o acompanham em sua peregrinação por este mundo e, no caso da Águia Dourada, dos extraterrestres que, enquanto criaturas mais evoluídas, ensinam e guiam os seus adeptos em seus projetos e ações. No entanto, o caráter de comentário de que se reveste este texto, não nos permite trilhar este caminho.

Outra é a leitura de Juan do seu afastamento desses espaços políticos. A sua explicação será associada à mudança que teria ocorrido na administração política do município. Por outro lado, para Juan, o objetivo mais imediato da participação da Águia Dourada nestas instâncias, que era obter o seu reconhecimento como um agente do turismo e da ecologia, teria sido alcançado. As pontes com a administração pública estavam estabelecidas, de modo que suas ações passaram a fazer parte da programação cultural e turística do município. Hoje em dia, no calendário da cidade, a Águia Dourada está inscrita como *uma pousada de fim de semana que recebe peregrinos modernos do país inteiro que vêm conhecer as magias de Candelária*.

## CONCLUSÃO

Como podemos notar, o Botucaraí transcende a tradição do catolicismo tradicional popular, assim como a crença no próprio monge. Porém, se é verdade, como afirma Karsburg, que “[...] o *santo* segue ‘encantado’ no alto de alguma montanha, gruta ou caverna, aguardando o momento certo para ressurgir para seus devotos” (2014, p. 18), também é verdade que outras possibilidades de experiências do sagrado ou mesmo de práticas políticas vêm sendo engendradas pela sua presença no cerro, assim como pelas narrativas míticas, históricas e sociológicas, associadas à sua memória, que vêm se acumulando ao longo do tempo.

Ao lado das narrativas recolhidas pela etnografia e a história oral ou aquelas que são registradas nas bibliotecas físicas e digitais de livros, teses e revistas acadêmicas, gostaríamos de chamar a atenção para um outro gênero narrativo – aquele que Homi Bhabha (1998, p. 203) chamou de performático – que vem sendo produzido pelos movimentos sociais, particularmente dos trabalhadores rurais no sul do Brasil. Nesse sentido, pode-se citar o movimento dos Sem-Terras, no estado de Santa Catarina, que elegeu o monge João Maria como o símbolo maior de suas lutas, pelo reconhecimento ao acesso à terra e ao seu estilo de vida num contexto de migrações alemãs e italianas que tendem a discriminar aqueles que trazem em seus corpos e nomes de família os sinais de sua origem “cabocla”. Assim, como mostram Welter (2007) e Góes (2007), tanto nos momentos rituais das Romarias da Terra quanto nos performáticos, das ocupações, no planalto catarinense e nos campos de cima da serra gaúcha, o estandarte do monge João Maria é levantado e conduzido à frente das marchas religiosas e políticas como um potente símbolo de resistência e de luta por direitos sociais e humanos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Robinson Fernando. *Romeiros e Peregrinos na Romaria de Santo Antônio: o povo da cruz rumo à salvação latino-americana*. Dissertação (Mestrado). Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

\_\_\_\_\_. O Monge João Maria de Agostinho em Campestre, Santa Maria: aspectos históricos. Porto Alegre, *Debates do NER*, v. 11, n. 17, p. 35- 64, jan./jun. 2010.

BHABHA, Homi. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: \_\_\_\_\_. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRUNER, Edward M. Ethnography as narrative. In: TURNER, Victor W.; BRUNER, Edward M. (Eds.). *The Anthropology of experience*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 1986. p.139-155.

GOES, César. Nos caminhos do Santo Monge: religião, sociabilidade e lutas sociais no sul do Brasil. Tese (Doutorado). PPGS/UFRGS. Porto Alegre, 2007.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. A trajetória de um eremita peregrino na América Católica do século XIX. *Debates do NER*. Ano 15, n. 25, p. 17-71, jan./jun. 2014.

STEIL, Carlos Alberto; GÓES, César. Catolicismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre. *Debates do NER*, v. 5, n. 5, jan./jun. 2004.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. Catolicismo para além da Igreja Católica no Sul do Brasil. Porto Alegre. *Debates do NER*, v. 11, n. 17, jan./jun. 2010.

WELTER, Tânia. *O Profeta São João Maria continua encantando no meio do povo*. Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina. Tese (Doutorado). PPGAS/UFSC. Florianópolis, 2007.

WELTER, Tânia. O profetismo de João Maria nos discursos contemporâneos. *Debates do NER*, v. 11, n. 17, p. 11-34, jan./jun. 2010.

Recebido em: 08/05/2014

Aprovado em: 19/05/2014